



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Anunciado em tempos, está a proceder-se ao arranjo e aformoseamento dos três largos de Fão: da Praça, Largo Amândio Teixeira e Largo do Fontes, oficialmente designado Largo Manuel Magalhães.

Trata-se de um objectivo simpático que de certo modo veio engrandecer a terra e torná-la até mais graciosa.

Só que há um pormenor que os ilustres responsáveis pela grei fangueira não tiveram em devida conta: referimo-nos ao estacionamento dos carros. Onde estacionar os automóveis que os fangueiros possuem e os automóveis das pessoas que nos visitam? Referimo-nos aos automóveis porque eles são hoje um apêndice de que o homem moderno não prescindir. E de tal modo que podemos actualmente parafrasear aquela famosa frase de Ortega e Gasset: «o homem e a sua circunstância», dizendo: «o homem e o seu automóvel». Trata-se de uma realidade social a que não podemos fechar os olhos. O leitor vai ali à estrada nacional e qual é a realidade movente que se lhe impõe? De certeza que são os automóveis. Quando os donos dos grandes supermercados resolveram implantar estes monstros qual foi a sua primeira preocupação? Arranjar um espaço para as viaturas onde investiram centenas de milhares de contos.

Portanto a terra de Fão precisa de arranjar fundamentalmente espaço para os carros dos fangueiros e dos seus visitantes. E parece-nos tão fundamental tal espaço como os lavabos ou são para as pessoas que vão a um restaurante, ou os cabides onde se acomodam os chapéus, os sobretudos, gabardines e guarda-chuvas. Estes apêndices são uma realidade irrefutável

A AUSÊNCIA DE UM PARQUE AUTOMÓVEL

que correspondem em parte à circunstância de que falava Ortega, **grosso modo**, claro.

Ora tal filosofia não parece estar a ser seguida pelos nossos autarcas e, antes pelo contrário, eles estão a seguir ou a adoptar um ideário anti-automóvel. É o que somos obrigados a constatar ao mirarmos o Largo Manuel Magalhães. Aquilo ficou bonito, sem dúvida, mas há ali um grande naco de romantismo à mistura. Em pleno centro colocaram quatro bancos e uma fiada de mecos cuja existência apenas se limita a impedir o trânsito automóvel.

Onde aparcar os carros em Fão-centro? Rigorosamente não há sítios. Vemos a avenida Manuel Pais, normalmente saturada, e existe a Alameda do Bom Jesus e um pedaço da margem esquerda do rio. E existiam os três largos.

Há quem diga ironicamente que os automóveis não são para levar para casa. Pois não. E os custos de os deixar longe do centro urbano? É uma matrícula que se rouba, os tampões que desaparecem, os distintivos que se retiram, os arranhões que se praticam.

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

DR. ARTUR BARROTE

Muita gente nos ia interrogando sobre quando falaríamos do dr. Barrote à medida que traçávamos o perfil de vários fangueiros, uns que se distinguiram pelo seu valor intelectual, outros pelos seus méritos sociais ou profissionais, outros ainda pelo seu tipicismo, uns tantos pela sua singularidade, por serem diferentes, por sem únicos, e muitos pelo seu bairrismo e filantropia.

A selecção de tais pessoas torna-se delicada, espinhosa, falível e, portanto passível de lacunas. Subjectivamente estabelecemos um critério, uma bitola que depois questionávamos com pessoas a quem solicitávamos o seu parecer. Um dos nossos objectivos pretendidos era o consenso e quando este era conseguido entrávamos em paz com a nossa consciência. Sempre assim procedemos e não temos pejo em declarar que uma das pessoas com quem nos «abríamos» neste pormenor era o professor Mário Ramiro que infelizmente se debate nesta altura com uma doença difícil de dominar.

O dr. Barrote não estava fora da lista, mas de entre o emaranhado da sua vida: médico, associativista, político, gentil-homem, precisávamos de um adjectivo ou de um substan-



Dr. Artur Barrote

tivo que o caracterizasse. Ora, esta palavra que com certo afã procurávamos, surgiu-nos há dias ou foi-nos oferecida quando sobre este clínico trocávamos impressões com o nosso ilustre conterrâneo Prof. Doutor Hipólito Reis: *doação* eis a palavra. *Doação* eis a palavra principal do dr. Barrote. Está certo, embora possamos acrescentar que o nosso perfil de hoje também não sabia dizer *não*, o que às vezes podia ser mau e outras, magnífico. O dr. Barrote não sabia dizer não a quem lhe solicitasse um favor, a quem lhe fazia um pedido, a quem o chamava às tantas, a quem o convidava para um casamento. Às vezes falhava, às vezes fugia, não para se encontrar consigo próprio, não para estar em casa no socego da família, mas tão só porque àquela mesma hora tinha que estar noutro sítio ou noutros sítios, só porque não sabia dizer *não* e não tinha o dom da ubiquidade. Depois, também, acrescentou em sua defesa o nosso colaborador Carlos Mariz: o dr. Barrote era médico da Casa do Povo, era médico da Casa dos Pescadores, dava consultas nos «Marinheiros» e porque era só através desta instituições que recebia dinheiro. Precisava de não faltar porque no seu consultório ou estavam os amigos ou os necessitados. A estes, por bondade, não cobrava um tostão; aos amigos, por gentileza, dizia sempre «nem pensar nisso». Houve uma altura em que um familiar nosso colocou à porta do seu consultório uma tabuleta: Consultas - 30\$00. Nem assim recebeu um tostão. Tinha pejo em levar dinheiro

(Continua na pág. 2)

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Temos necessidade de atrair gente para a terra. Gente que pare, que se sinta bem, que compre. Isso é turismo. Turismo é gente em movimento.

Vamos imaginar um morador nas torres. Tem que comprar algo. Onde o vai fazer? Em sítio onde possa estacionar o carro. No centro de Fão? Isso nunca. Já sabemos que Fão não é só centro, mas o centro também é Fão. Centro que está a envelhecer e a empobrecer. Haja em vista o panorama do Verão: às moscas!

Eliminando os três largos de Fão como centro receptor de viaturas, os responsáveis deviam criar alternativas. Onde estão elas?

O PERFIL DE HOJE

(Continuado da pág. 1)

por exercer a medicina. Si, sim, era um verdadeiro João Semana.

Dava-se de corpo e de espírito inteiros a quem solicitava colaboração. Foi por isso Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Fão, foi por isso também Presidente da União Nacional do Concelho de Esposende. Não era político. Muito menos queria ganhar dinheiro através da política. As pessoas metiam-no em atalhos e ele, por educação, porque morava nele o espírito de servir, não sabia ou não queria dizer não!

Era bemquisto na terra. Não esquecemos que o povo de Fão, numa altura em que sofreu um brutal desastre que ceifou a vida a sua esposa, ofereceu-lhe um automóvel e a partir daí, se já não levava um tostão a ninguém, fazia questão de não lhe perguntarem quanto era.

Para sobreviver, teve de mudar de ares. Foi para Viana onde ainda mora com alguma pensão que conseguiu contabilizar. No imaginário colectivo fangueiro resta a memória de um homem abnegado que sempre procurou ajudar o seu semelhante.

CLUBE FÃOZENSE

O bar do Clube Fãozense subiu outra vez para cima. Foi uma medida polémica aquela que uma direcção anterior tomou há anos, ao transformar a sala de baixo num café igual a muitos que existem em Fão. A sala do rés-do-chão funcionou outrora como salão nobre onde se jogava bilhar, onde se dançava e se confraternizava.

Logo que o actual Presidente Adelino Saraiva saiu eleito, foi sondando vários associados e a convicção que colheu foi a de que o bar se devia manter lá em cima e o célebre bilhar, que tem andado aos baldões da sorte, devia voltar à casa paterna. Ou esse ou outro qualquer, porventura um novo. E quem diz bilhar, diz o piano.

E assim aconteceu. A sala de baixo já está desocupada e o Clube voltou às suas lides tradicionais. Espera-se um bilhar a preceito para que de novo, no velho Clube Fãozense se ouçam as tradicionais tacadas de bilhar. Assim aquela casa volta a ser pertença exclusiva dos seus sócios.

E para que tudo comece bem, afirmou-nos o actual Presidente que o explorador do bar, Luis Torres, se revelou muito colaborante, o que é um dado a reter para novos concursos de exploração.

PELOS BOMBEIROS

No último número, demos a notícia que o nosso conterrâneo Norberto Mota tinha estado em Lisboa a frequentar um curso para comandante dos bombeiros. Dissemos ainda, ou antes, devíamos ter dito que para finalizar a sua preparação, tinha que frequentar um outro curso em Espanha. Só que a gralha pousou na respectiva folha e em lugar de Espanha saiu Esposende.

Do lapso pedimos desculpa.

PIZZERIA — CREPERIA — GELATARIA

One Way

TAKE AWAY — ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO — ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE — TELEF. (053) 961566

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

*Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas*

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA

TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS

TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538

APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

FÃO SEMPRE TEVE E CONTINUA A TER ARTISTAS DE SUPERIOR QUALIDADE

Ainda me recordo de ver alguns trabalhos feitos pelo grande artista Inácio Turra merceneiro de superior qualidade.

Outro artista que ao executar os seus trabalhos, não admitia o esgotamento da paciência: Alberto Bé Bé, o serralheiro inteligente.

Fão, jamais ficará desprevenido de bons artistas: agora surge-nos Antóni Dias com lindíssimos trabalhos feitos com conchinhas.

Irmãos Matias: estes homens há muito tempo que se vêm revelando verdadeiros mestres em tudo que fazem; mas seu último trabalho consagrou-os definitivamente:

«Maquetes de Jerusalém na era de Jesus Cristo». Foi um trabalho feito em madeira que lhes levou 12 mil horas. Quem não foi a Esposende ver a exposição, perdeu de ver onde os homens são capazes de chegar com infinda paciência e seu poder criativo.

Não nasceu em Fão, mas desde menino que em Fão viveu; lá casou. O Escultor António Carlos Esteves. A cidade mais nova de Portugal, Esposende tem alguns bustos da sua autoria; mas foi como aquarelista que ele conquistou lugar ao lado dos grandes.

Alceu Vinha dos Santos; muito bom caricaturista; durante alguns anos, seus trabalhos foram publicados no Jornal «O Primeiro de Janeiro». Depois da sua morte, têm sido publicados no Novo Fangeiro.

Nas letras de Fão teve o romancista e poeta Abel Vinha dos Santos. Este jovem poeta a morte o roubou quando tanto tínhamos a esperar do seu grande talento.

Querubim Evangelista da Silva, com seus versos muito contribuiu para o encantamento das célebres revistas Fangeiras, da autoria de Ernestino Sacramento. Na realidade muito teria de escrever para continuar a mencionar valores de pessoas que nasceram em Fão ou que em Fão ficaram por encantamento da terra e dos seus habitantes.

Delães, 30/9/993.

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

GRANDE PRÉMIO FEDERATION EUROPEAN INDUSTRIAL EDITORS ASSOCIATIONS — FEIEA 94

A Revista «EPAC» é uma das 6 publicações sócias da Associação Portuguesa de Comunicação de Empresa que o Júri seleccionou para estar presente na exposição de jornais europeus concorrentes ao Grande Prémio Federation of European Industrial Editors Associations 94, integrada no 16.º Congresso, que ocorre de 14 a 17 de Setembro de 1994, em Crans-Montana, na Suíça.

As outras publicações seleccionadas são as seguintes: Fiscália, Rádio, Info Portucel, Nestlé Notícias e Renault Informação, sendo esta última a vencedora.

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

1.ª DIVISÃO DISTRITAL DA A. F. BRAGA

Últimos resultados: Fão, 0 - Celeirós, 3; Fão, 2 - Forjães, 0; Fradelos, 0 - Fão, 2; Fão, 1 - Alvelos, 0.

Exceptuando a derrota em casa perante o Celeirós, 3.º classificado, a equipa fangueira tem vindo a demonstrar uma subida de rendimento que, continuamos a afirmar, não estaria dentro dos prognósticos da maioria dos adeptos mais ferrenhos. E a comprovar isso mesmo, são os resultados surpreendentes que têm conseguido ultimamente e a classificação actual *que esperamos desta vez tenha direito ao espaço que lhe está reservado nesta página do nosso jornal.*

Quanto ao jogo efectuado em Fão e aos 3 a 0 registado no final do mesmo, não dizem a verdade do confronto entre duas equipas, uma delas bem classificada, e por isso mais motivada; a outra, desde o início da época que luta com todas as suas forças para não cair nos lugares aflitivos do fundo da tabela, dadas as circunstâncias em que este ano futebolístico começou. Já aqui, várias vezes, comentámos. A verdade do prélio foi uma e o resultado foi outro com a influência da equipa de arbitragem pelo meio. Durante a primeira parte, o Fão bateu-se de igual para igual com o seu forte adversário e o empate a zero ao intervalo ajustava-se perfeitamente. Só que na segunda metade da partida, talvez devido ao Cházinho que se bebe no descanso enquanto discutem as virtudes e os defeitos da primeira metade do jogo, a equipa fangueira agigantou-se de tal maneira que o valor da turma do Celeirós foi-se por água a baixo, e quando toda a gente estava à espera do golo fangueiro, eis que através dum contra-ataque, os forasteiros abriram o activo por intermédio de um rapidíssimo avançado que entrou no jogo já no decorrer da segundo tempo, numa altura em que o Fão dominava os acontecimentos, só não dominava a equipa de arbitragem, que afectada, não sabemos porquê, validou esse golo nascido duma situação de fora de jogo.

Depois disso foi um pandemónio: a equipa fangueira perdeu a cabeça. Diga-se antes, alguns jogadores, incluindo o nosso amigo Zé Manel Vassalo, que como toda a gente sabe é o abnegado treinador da nossa equipa, mas quem é que domina os nervos numa altura daquelas? Não vimos através da televisão profissionais desta modalidade cometerem os mesmos erros? Até a equipa de arbitragem estava nervosa pois viu três jogadores adversários serem agredidos por um jogador fangueiro de cabeça perdida e não o mandaram tomar banho mais cedo. Porquê? E até ao final da partida cada contra-ataque do Celeirós era uma dor de cabeça para os fanguiros. E assim chegaram aos três a zero, num jogo em que os nossos avançados não souberam aproveitar as ocasiões surgidas para marcar.

No final a satisfação era da assistência visitante em maior número do que os espectadores da casa. A alegria deles, que estavam no seu livre direito de festejar, indignou alguns dos nossos sem razão.

Mas ainda bem que o civismo no futebol também chegou para aquelas bandas, porque ainda não vai longe o tempo em que a nossa rapaziada era agredida e tinha que fugir desde o campo até aos balneários, e no banco dos suplentes não se podia estar sossegado perante tantos muros e pontapés na protecção metálica do mesmo. E, por coincidência, do Celeirós, o Fão tem dessas recordações amargas.

O MAR ESTÁ BRAVO

É nesta época que o mar faz das suas. «Come» cada vez mais fatias de areia da praia da Bonança. Escava cada vez mais a costa que se situa a sul do molhe norte. E desta vez deu um ar da sua graça e arrebenhou com o passeio de madeira que serve a praia de Fão. Vamos ver se só fica por aqui.

CLASSIFICAÇÃO

1.º Merelinense	34 pontos
2.º Ribeirão	32 »
3.º Celeirós	29 »
4.º Realense	25 »
5.º Brufense	23 »
6.º FÃO	22 »
7.º Apúlia	22 »
8.º Tibães	22 »
9.º Fradelos	21 »
10.º Alvelos	21 »
11.º Maximinense	20 »
12.º Forjães	19 »
13.º Gondifelos	19 »
14.º Lagense	19 »
15.º Arnoso	19 »
16.º Avelada	18 »
17.º Viatodos	16 »
18.º Antas	15 »

CANOAGEM

Eslovaco Robert Erban «afundou» Armada Portuguesa

O eslovaco Robert Erban, sexto classificado na prova de K1 1000 metros do último «Mundial» de Canoagem, fez valer esse cartão de visita no sexto controlo internacional da Federação Portuguesa de Canoagem, na Pateira de Fermentelos, onde se impôs à «Armada» lusa.

António Brinco (Recreio de Águeda) foi o melhor português no controlo, concluindo os 10 mil metros na segunda posição, após uma regata animadíssima, que o novo técnico nacional de Kayakes, o húngaro Gyula Fuzessery, elogiou pela «combatividade e espírito de luta dos atletas».



Os quatro animadores da prova. Belmiro Penetra assinalado por uma cruz

A prova que começou conturbada devido a muitas dificuldades na largada, foi marcada pelo ritmo fortíssimo de cinco navegadores de luxo — os eslovacos Robert Erban e Juraj Kadnar e os portugueses Rui Fernandes, Belmiro Penetra e António Brinco — e só foi decidida nas últimas pagaiadas. A cerca de 500 metros da chegada, Erban lançou um fortíssimo ataque, a que Belmiro Penetra e António Brinco não conseguiram responder, obtendo um triunfo convincente.

Embora presente nas margens da Pateira de Fermentelos, o eslovaco Attila Szabo (multimedalhado em «Mundiais» e Jogos Olímpicos, que estagla em Portugal com a selecção do seu país) preferiu não participar no controlo, pois apresenta-se ainda em fase atrasada na sua preparação.

Na competição destinada a canoas olímpicas, o mais forte foi o espanhol Pedro Abreu, que decidiu efectuar uma regata «a solo». Apesar dos esforços de Silvestre Pereira e do checo Peter Prochazka, o zamorano nunca seria alcançado.

Entre as damas, Susana Ferreira navegou num autêntico «passeio» dominando naturalmente a competição.

Classificações:

K1 Seniores (10 mil metros) — 1.º Robert Erban (Eslováquia); 2.º António Brinco (Portugal); 3.º Belmiro Penetra (Portugal); 4.º Rui Fernandes (Portugal) e 5.º Juraj Kadnar (Eslováquia).

K1 Juniores (10 mil metros) — 1.º José Miguel Pedras (Portugal); 2.º Pedro Silva (Portugal) e 3.º Sebastião Viola (Portugal).

C1 Seniores (5000 metros) — 1.º Pedro Abreu (Espanha); 2.º Petr Prochazka (República Checa); 3.º Silvestre Pereira (Portugal).

K1 Damas Absolutos (5000 metros) — 1.ª Susana Ferreira (Portugal); 2.ª Elisabete Azevedo (Portugal) e 3.ª Sílvia Mendez (Espanha).

NOTA: — Este texto foi retirado na íntegra do «Jornal de Notícias».

Em relevo — Citamos os canoístas do Clube Náutico de Fão convocados mais uma vez pela Federação Portuguesa de Canoagem: Belmiro Penetra, Emílio Araújo e Carlos Vieira (Seniores); José Miguel Pedras e Pedro Silva (Juniores).

QUE DESPORTO?

Há uns meses atrás, por ocasião do aniversário da Associação Desportiva de Esposende o Presidente da Câmara Alberto Figueiredo questionou a assistência perguntando: «que desporto para Esposende?» A pergunta não caiu em saco roto. O eng. Adelino Marques estava presente, levou a pergunta para casa,



A mesa que presidiu ao colóquio sobre desporto

mais propriamente para o Clube Rotário de que é Presidente e para a explanação das várias respostas organizou um colóquio que se realizou no dia 18 de Fevereiro no auditório da Biblioteca Municipal. Muita gente como vem sendo timbre das organizações rotárias, muitos jovens e também muitos intervenientes: Prof. Doutor Jorge Bento, Prof. António Carlos, Profs. António Cunha e Luis Covas, vereador Areias Marques e Prof. Manuel Ribeiro, a alma e o sucesso do Andebol em Esposende.

Não há crise do desporto em Esposende. Há óptimas condições para os desportos náuticos e aquáticos e para os desportos em terra: atletismo e andebol. Para isso torna-se necessário criar um Gabinete Técnico de Desporto e uma Carta Desportiva do Concelho.

E quanto ao futebol considerado profissional? Bem isso aí é outra guerra e merecerá um tratamento à parte. Ficou em *stand bye* até que surja alguém que seja capaz de lhe dar uma solução.

PROF. MÁRIO RAMIRO

Não tem verificado melhoras este nosso querido amigo. Já esteve na Clipóvoa e presentemente encontra-se no Hospital da Prelada, Porto. Não pode falar e dificilmente controla os movimentos. Está, porém, lúcido e isso aumenta o seu desespero e angústia.

A medicina tem-se revelado impotente para detectar a etiologia do mal que o atormenta. Vai de mal a pior, para desespero dos seus familiares, amigos e principalmente da sua esposa que o tem acompanhado dedicadamente ao longo de todos estes dias.

Fazemos ardentes votos pelas suas melhoras.

TURISMO CHAVE DE DESENVOLVIMENTO

1. — ERRATAS

Na parte deste artigo com o título supra publicado no n.º 117 deste periódico, de 9/02/10, apareceram as seguintes GRALHAS:

Na linha 5 da pág. 8, onde se lê:

— «aumentar» polémicas,

deve ler-se:

— «alimentar».

Na parte final do parágrafo 7.º, onde se lê:

— «na construção deste empreendimento e o primeiro até a própria vida»,

deve ler-se:

— «na construção do HOTEL SUAVEMAR, os quais delapidaram as suas fortunas neste empreendimento e o primeiro (o Sr. Joaquim Soares) até a própria vida».

2. — CONTINUAÇÃO DO ARTIGO ANTERIOR

Além das obras anteriores, mandou construir, em grande parte a suas expensas, a primitiva Av. Marginal (que devia ter o seu nome como seu grande arquitecto e impulsionador), a Av. do Hospital, (hoje Rocha Gonçalves), a Av. dos Rouxinóis ou da Praia (actualmente com o seu próprio nome: P. Sá Pereira), as estradas de Banhos (que parte da estrada nacional n.º 13, à porta do Sr. Alfredo Areias, para a chamada Praia de Banhos) e de S. Lourenço e o aterro da Ribeira. Foi, ainda, responsável pelas obras das Avs. de Ofir e marginal de Ofir Apúlia, pela edificação dos caminhos que enxameiam o Pinhal de Fão e a estrada de Gandra que liga Esposende à Barca do Lago, completando e beneficiando, assim, o Quadrângulo Turístico SUAVE MAR, OFIR, APÚLIA E BARCA DO LAGO. (Cabe agora às Vereações presente e futuras transformar o actual Pentágono Turístico, constituído, além dos já referidos, por mais o polo de S. LOURENÇO, em EXÁGONO, com a junção do Monte do Faro, ligando este à novel cidade, na qual seria integrado, por uma larga avenida, que vá do centro desta ao picoto, e aí edificando um monumento que honre a cidade, v. g. a S.ta MARIA DOS ANJOS, que seria elevada a PADROEIRA DO CONCELHO).

Também são da sua responsabilidade a Rua da Obra (hoje Vasco da Gama), a Av. de Goios e inúmeros caminhos e estradas abertas em todas as aldeias do concelho.

E tudo isto à custa, em grande parte, do seu PATRIMÓNIO PESSOAL (o Município não tinha, então, rendimentos para suportar tal volume de obras, nem o FEDER e outros benefícios estatais e comunitários que hoje as autarquias têm), incluindo a Quinta da Gata-nheira, situada no sopé do monte de S. Lourenço, na margem direita da sua estrada. Esta serviu não só para fornecer pedra para as referidas obras, gratuitamente, mas também, com o produto da sua venda, pagar a empreiteiros e outras despesas, sem nunca ter sido reembolsado, conforme documentos, na nossa posse, passados pelas respectivas autarquias: — Câmara e Junta de Freguesia de Esposende.

Resumidamente, referem-se apenas os totais das respectivas contas indicadas nos aludidos documentos:

CONTAS DAS AVS. MARGINAL E DO HOSPITAL

Participações dadas (pelo P.e Sá Pereira);	
Soma	249.147\$38
Dinheiro recebido	
Por diversas vezes	162.439\$35
Obras feitas	

Total da despesa	251.910\$90
A deduzir o recibo	162.439\$35
Saldo a favor da obra	89.471\$55
A deduzir débitos a vários	37.200\$00
Saldo a favor do Sr. P. Manuel	52.271\$55

«Estou conforme com as contas a sima indicadas».

O Meste de obras. (a) Manoel Alves de Azevedo

RESUMO DA ACTA DA REUNIÃO

«Aos (30/12/37)..... reuniu..... a Comissão Administrativa da Junta da Freguesia de Esposende..... O presidente propôs, o que foi aprovado, que se officie aos credores desta Junta, senhores Padre Manuel Martins de Sá Pereira....., que terminando, hoje, o seu mandato.... mantém-se os mesmos débitos àqueles cidadãos, nas importâncias, respectivamente, de QUARENTA MIL ESCUDOS (40.000\$00)....» (Assinaturas do presidente, secretário e tesoureiro) «aaa» Manuel Lima da Silva, Eduardo Augusto de Sousa Queirós Ribeiro e Alcino Gonçalves de Magalhães».

CONTAS DA AV. MARGINAL

Saldo a favor da obra	82.871\$55
A deduzir débitos a empreiteiros e operários	37.200\$00
Saldo a favor do Sr. P. Sá Pereira	45.671\$55

«Vi estas contas e reconheço que estas ezatas porem recoheço também que a diferença a favor do P. Sá Pereira é muito maior».

«(a) Manuel da Cruz Ferreira»

(Continua nos próximos números)

NOVOS ESTABELECIMENTOS

Para falar verdade não se trata de estabelecimentos novos. São casas que fecharam e que voltaram a abrir. Referimo-nos, como já devem ter adivinhado, à Lareira e ao Café Sport. Reabriram com nova gerência como se costuma dizer e como aconteceu de facto.

A Lareira sofreu uma ampla remodelação. Não é mais uma típica casa de fado, para pena nossa. É um restaurante modernizado onde eventualmente se canta o fado, o que está a acontecer aos sábados à noite. Podemos dizer, por experiência própria, que se come bem e os preços são acessíveis.

O seu actual proprietário é o Félix Gaifém que antes dirigia o Bar de Fão na estrada António Veiga.

O Sport, agora dirigido por Manuel da Mota Lopes, também sofreu arranjos e está porventura mais acolhedor. Segundo nos confidenciou o actual proprietário, a «coisa está a dar», não havendo razões de queixa.

Antes assim. Para os dois jovens proprietários desejamos sucesso.

OUTONO

Tarde de Outono
Com as folhas das vinhas
Cansadas e com sono,
Beijadas pelo adeus dum sol poente.
Mas um par de andorinhas
Cruzando, na partida, a azul esfera,
recorda o sol nascente
e o derradeiro adeus da Primavera.

DINIS DE VILARELHO

ACHEGAS PARA A HISTÓRIA DE FÃO

Por ÓSCAR FANGUEIRO

Em 959, Fão aparece mencionada em documentos coevos, como «Villa nuncupata fano» com a característica de «propriedade rústica».

Em 1220, sabemos que tinha 35 casais reguengos e tinha «pescadores de officio», que tinham uma pesqueira, denominada de «padroeiro», e pescavam com «camboas» ou «piscarias».

A sua população dedicava-se também, à lavoura e à colheita de sal, de acordo com as Inquirições desta data.

Pelas Inquirições de 1258, constatamos, que os homens de Góios foram morar no couto de Palmeira e em Fão, vindo daí agricultar as suas terras foreiras «e tomasse a renda sobre los outros omees».

Através do Livro de vereações de 1466, pertencente ao Município de Vila do Conde, vemos que entre «Homens bons» que aparecem esporadicamente nas sessões de Vereação, nas sessões de vereação, estava Álvaro Luís de Fão, em 27 de Outubro de 1466.

Seria um, dos seis prováveis mareantes de outras «terras», que nesse ano marcaram presença, em tais actos.

Em 24 de Maio de 1749, D. João V avança com uma pragmática, contra o luso e a importação de alguns tecidos estrangeiros. Assim, encontrávamos no parágrafo IV do artigo 1.º a proibição do uso de «rendas».

Em resposta a esta atitude, as rendei-ras da costa norte do país, tomaram a decisão de protestarem, junto da «corte» em Lisboa, através de um requerimento, «em nome de todas as mulheres moradoras nas vilas e lugares de S. João da Foz, matosinhos, Azurara, Vila do Conde, Fão, Esposende, Póvoa, Viana e outros mais, que se ocupavam na manufactura das rendas de linha».

Com os homens a navegarem para os portos das colónias, e ausentes nas Minas, só restava às mulheres e filhos, para seu sustento, o trabalho quotidiano de rendas de linha.

Era tão grande a miséria provocada pela lei, que em algumas destas localidades, faleceram pessoas à míngua.

Dado que para muitas era o seu único modo de viver, só lhes restava «o pedir esmola».

Antes, as rendas eram consumidas no país, no Brasil, na Espanha e outras colónias.

Não sabemos como acabou este triste caso, nem qual o impacto que teve em Fão!

Em 1789, os pescadores de Fão iam aos mares de Viana e Caminha, à pesca de Pescadas, nos meses de Fevereiro a Maio, e também, «os de Fam e Esposende pescam a Arraia e Rodovalho a uma légoa de terra», como nos conta o sr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo.

Entre as 819 embarcações contruídas em estaleiros do norte, de 1860 a 1880, 111 pertenciam aos de Esposende e Fão, que ocupavam o 3.º lugar na produção, de acordo com Emídio de Oliveira.

Porém, em 1890, só em Fão era construído o Barco Poveiro, na área do Cávado.

Estas, e outras achegas já publicadas, por vários autores, em «O Novo Fangueiro», ajudarão a «construir» a História de Fão.

PÁGINA JOVEM

VALE A PENA

Olá, jovens! mais um mês passou. É mais um passo dado em direcção à Páscoa. É a alegria das férias que se aproxima, mas também a expectativa dos resultados escolares. Oxalá umas e outros sejam bons!

*Viva, Mundo! Amor, Amar!
Viver é belo, é belo amar!
Tantas são as perguntas
Que gostaria de fazer!
Mas de tantas, poucas são
As que resposta possam ter.*

*Não pergunto; observo,
E consigo perceber
Que vale a pena a Vida!
O quanto é bom viver!*

*Então vive, sê feliz!
Rejeitando a solidão,
Encontrarás a felicidade, amigo.
Encontrarás a felicidade, «irmão»!
Vive a Vida pouco a pouco,
Não a tentes entender.
Porque se assim o fizeres,
Certamente irás dizer:*

*«Vale a pena a Vida!
Vive por prazer!
Vale a pena a Vida!
É um dom viver!»*

*Grita para o Mundo,
mesmo sem falar:
Vale a pena a Vida
No gesto de amar!*

CECÍLIA FONSECA

AS VERDADES ESQUECIDAS

Por MARIA HELENA CAMATE

(Conclusão)

Muitos se aperceberam, embora tardiamente, de que o homem é, ele próprio, natureza, e que o horizonte se afigura sombrio e escuro.

Torna-se hoje difícil clarificar as opções e saber se o homem pretende continuar a desumanizar o mundo, destruindo-o e destruindo-se; ou se prefere iniciar um novo diálogo com a Natureza, doravante tida não como inimiga, mas como algo de consubstancial ao próprio homem — ele é, antes de mais, natureza.

É no presente que se constrói o futuro. Quando falámos da destruição dos ecossistemas, do fim das florestas ou da poluição que nos escurecem as paisagens, falámos de realidades à vista de todos. Entre um modelo de crescimento económico desigual e destrutivo e um reequilíbrio da sua relação com o mundo, onde não seja apenas o económico a ditar as suas leis, a gravidade do momento exige no homem uma nova definição de si mesmo.

Antes que se atinja o temível ponto do não retorno.

FIM

PAUSA PARA SORRIR

Num quartel. O sargento de serviço pede licença ao Oficial de dia para entrar no seu gabinete:

- «Dá licença, meu capitão?»
- «Entral - responde o capitão distraído. «Então que há?»
- «Venho participar ao meu capitão que dei ordem de prisão ao soldado n.º 33».
- «Essa agora!» - estranha o capitão. «Ele até parece ser um soldado muito correcto e disciplinado! Tenho muito boa impressão dele. Que é que ele fez, para merecer esse castigo?»
- «Que fez?» - responde o sargento indignado. «Recusou-se a mostrar-me a licença verbal que ele diz que o meu capitão lhe deu para faltar ao recolher!»

★

Um sujeito baixinho e magrinho era casado com uma senhora muito alta, forte e de mau génio.

Um dia, um amigo encontra-o na rua com a cara bastante pisada.

— «Que te aconteceu?» - interroga o amigo, solícito. «Foste atropelado ou caíste das escadas?»

— «Nem uma coisa nem outra» - responde o outro. «O que se passou é que anteontem à noite só voltei a casa à meia-noite, e a minha mulher, por cada badalada, dava-me uma bofetada; por isso, com doze bofetadas, fiquei neste lindo estado!»

— «Ah! Percebo.» - diz o amigo. «Então agora não voltas a sair de casa à noite?»

— «Aí é que te enganas! Volto sim senhor; mas só regresso a casa à uma hora da manhã!...».



Desenho de NARCISA CUNHA

NA POSSE DO INALCANÇÁVEL

*A noite chega, escura.
Uma chuva miudinha cai.
A areia sobre a calçada estala
Sob meus passos.*

*Uma rosa branca
Navega no rio.
Desabrochou.
E as pequeninas gotas de água*

*Escorrem nas pétalas sedosas procurando
Abrigo no seu interior.
Olho para o céu.
Olho para a água*

*Que deste vem
Para o rio.
Não estarão o céu
E a Terra*

*Próximos, afinal?
Para quê procurar
Um paraíso longe e alto,
Se ele chora*

*Por não poder
Estar aqui,
Onde julgamos
Ser o nada?*

MARTA MARIZ MENDES

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

DE APÚLIA

FALECIMENTOS — Durante o mês de Fevereiro já faleceram mais apulenses. É a roda da morte, que nunca pára de matar a vida. E são sempre os melhores que se vão... um mérito que a morte tem.

No dia 9, na sua casa da Avenida da Praia, faleceu o Senhor Manuel Gonçalves Serra, um homem perspicaz e inteligente, e conhecedor do mar e das suas marés como das suas próprias mãos. Era também um homem moralmente digno e bom, e um baírrista inflamado.

Filho de Rodrigo Gonçalves Serra e de Teresa Maria, nasceu em 7 de Agosto de 1909, e era viúvo de Eduarda Lopes Tomé.

— Na rua da Igreja, e depois de prolongada enfermidade, faleceu no dia 19 do mesmo mês de Fevereiro, a Senhora D. Maria Salomé Azevedo Peixoto, filha de Manuel da Silva Peixoto e de Carlota Joaquina de Sousa Azevedo.

Era viúva de Júlio da Silva Campos, e nasceu em 17 de Julho de 1908.

Há poucos meses também já tinha «partido» a sua irmã Zulmira, acontecimento que este jornal também noticiou.

— Ainda em Fevereiro, no dia 22, faleceu no lugar de Criaz, o Senhor Aurélio Fernandes Mouquinho, nascido em 1 de Janeiro de 1928, filho de José Fernandes Mouquinho e de Carolina da Silva Barros.

Deixa viúva a Senhora D. Maria Gomes Torres.

Para todos os seus familiares aqui deixamos os nossos sentidos pêsames.

FUTEBOL — Mesmo perdendo duas vezes seguidas nos dois últimos jogos do campeonato, o Apúlia mantém ainda uma invejável posição classificativa, o 6.º lugar, apenas com menos dois pontos do que a equipa (Celeirós) que vai em terceiro.

Acresce ainda, e isso também tem a sua importância, o Apúlia está apurado para disputar as meias finais da Taça Associação de Futebol de Braga, prova que engloba os melhores representantes das duas séries dos três escalões.

O último jogo disputado no Campo dos Sargaceiros com o Ribeirão, um dos mais sérios candidatos ao título, foi um bom espectáculo de futebol. O Apúlia, que esteve a ganhar durante 50 minutos iria perder o desfalco no último minuto da prova, num golo antecedido de uma irregularidade do jogador visitante, que o árbitro não terá visto.

Só é pena que a população apulense não esteja a corresponder com a sua presença aos bons espectáculos que a presente equipa de futebol nos tem proporcionado. E, financeiramente, também a correspondência podia (e devia) ser melhor. O sacrifício que a Direcção vem fazendo, mantendo em actividade quatro equipas de futebol, é digno de aplausos. E aplausos merecem também os jogadores, pelos bons espectáculos e pelos bons resultados.

NOTAS PESSOAIS — Do Brasil, onde se deslocou há cerca de dois meses em visita a familiares, já regressou o casal amigo, Firmino Fernandes Dias e D. Ana Graça Ferreira do Vale.

Vindo do Canadá, onde tem a sua vida profissional localizada, encontra-se na sua terra, entre nós, o amigo Alcindo Almeida Dias dos

Santos, para um curto período de férias.

— No Brasil, para onde partiu em Janeiro, conforme este Jornal já noticiou, ainda se encontra o amigo Alcindo do Vale Gonçalves, a quem desejamos umas boas férias.

— No último número de «O Novo Fangeiro» e na coluna de «Pagaram a sua assinatura», lá vinha o nome do amigo e conterrâneo, Manuel Gomes de Sá (o Neca Festas da minha infância), a quem aproveito para felicitar e abraçar. O «Festas», funcionário bancário, vive em Braga, mas sempre que pode (e tem podido muitas vezes) dá um salto até cá para matar saudades e cavaquear com os amigos.

BAR DE APOIO A PRAIA DO FURADO — Concessionado por um período de 15 anos, pela gerência do complexo comercial «San Remo Jardim», de Apúlia, está já em construção aquele imóvel, que importará em mais de 20.000. contos, e ficará situado em frente à extinta azenha do «Norte», mesmo na encosta, pelo Sul, da duna que se interpõe entre o mar e a estrada da Bonança.

TERRA DE FOGUETES?... — Há anos (10/12), um amigo de Fão, não me recordo a que propósito, quando cada um de nós louvava as excelências e as belezas, e também as potencialidades, da sua terra, deixou cair desagrado, esta exclamação: — «Apúlia?... Oh... é a terra dos foguetes...»

Repete-se, isto já foi há alguns anos, e por isso muitas vezes essas palavras nos tem aflorado ao pensamento. Porque, efectivamente, o lançamento de foguetes acontece, a cada passo, por qualquer pretexto.

Será essa a maneira mais inteligente e mais consentânea com as realidades de Apúlia, de exteriorizar alegrias ou eventos?... Será assim tão importante tomar o «mundo» como testemunho das nossas intenções?

Não será tempo para deixar de imitar a galinha, que sempre que põe o ovo cacareja?...

COMISSÃO DE FESTAS DA SR.ª DA BONANÇA

RELATÓRIO DE CONTAS 1991/93

Saldo de 1989	20.800\$00
1991 — Peditório, subsídios e	
saldo anterior	1.689.000\$00
Despesa da Festa	1.320.000\$00
SALDO	369.000\$00
1992 — Peditório, subsídios e	
saldo anterior	2.210\$00
Despesa da Festa	1.700.000\$00
SALDO	510.000\$00
1993 — Peditório, subsídios e	
saldo anterior	3.229.883\$00
Despesa da Festa	2.650.000\$00
SALDO	579.883\$00

P.S. — Deste saldo positivo, 500.000\$00 serão gastos em obras de benefício na Capela. O resto, incluindo os juros da C.G.D., serão entregues à nova Comissão.

A Comissão agradece a todo o povo de Fão o apoio dado para a realização das Festas. Muito obrigado.

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

A Cooperativa Cultural de Fão apresenta o plano de actividades para o ano de 1994.

1 Colóquios: A) O Passado de Fão; 1.ª Sessão — Até ao Século 18; 2.ª Sessão — Até ao Século 20; 3.ª Sessão — O Século 20; B) Turismo (Passado, Presente e futuro); C) O Rio e o Mar; D) O Artesanato em Fão; E) As Instituições de Fão; F) Os Amigos de Fão; G) As Revistas em Fão (As Tradições Populares); 11 Exposições; A) 5 Pinturas; B) 2 Esculturas; C) 2 Fotografias; D) 1 Caricaturas; 111 Actividades Recreativas; A) Concurso de Pesca Desportiva; B) Jogos Tradicionais; C) Rali Paper; D) Circuito de Donas Elviras; E) Tuna Académica de Ex. Universitários; F) Passeios culturais no Minho.

A Cooperativa vai ainda tentar levar a efeito uma revista Fangueira. A Cooperativa colaborará com as Comissões de Festas da Terra e com as demais instituições fangeiras.

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Simultaneamente com o Colóquio, O Passado de Fão, a Cooperativa cultural de Fão, apresentará uma mostra de diversa Bibliografia publicada sobre Fão.

Visite a exposição e conheça quais as obras literárias sobre Fão.

Exposição patente no Centro Cultural de Fão, entre os dias 11 e 31 de Março.

COLÓQUIO — «O Passado de Fão»

Dia 11 de Março, pelas 21.30 h. 1.ª sessão: FÃO NA IDADE MÉDIA, pelo Dr. Brochado Almeida,

Dia 18 de Março, pelas 21.30 h. 2.ª sessão: FÃO NOS SÉCULOS XVI, XVII E XVIII, pelo Dr. Alberto Antunes Abreu.

Dia 25 de Março, pelas 21.30 h. 3.ª sessão: FÃO NOS SÉCULOS XIX E XX, pelo Dr. Penteadinho Neiva.

Se quer conhecer o passado HISTÓRICO DE FÃO, não falte!!!

Todas as sessões decorrerão no Centro Cultural de Fão.

APOSENTADA

Recentemente pediu a sua aposentação da Telecom a nossa prezada colaboradora Florinda Almeida, esposa do nosso querido amigo e colaborador Fernando Almeida.

Os nossos parabéns a tão distinta colaboradora e que agora se possa dedicar com mais tempo às suas tarefas altruístas. Já agora uma «cunha» para que lhe sobre algum tempo que possa dar a «O Novo Fangueiro», como aliás já começou a fazer. Com efeito recebemos na semana passada uma braçada de lindos ramos de poesia. Continue.

NASCIMENTO

Na Clipóvoa nasceu Bruno Manuel e Pires Pereira, filho de Maria Soares Ferreira e Pires Pereira e de Carlos Manuel Pires Pereira.

Saúde e longa vida é o que desejamos ao recém nado Rúben.

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

O BOM JESUS DE FÃO — Altares

ALTAR-MOR — Foi concluído em fins de 1721 ou princípios de 1722, bem como a tribuna. A parte inferior é toda em pedra lavrada e a superior (retábulo) e tribuna foram feitas em Madeira, que ficou em branco.

Em 1720 era pároco de Fão o Reverendo Francisco Ferreira Gerez, que quis apoderar-se da administração das esmolas, que os devotos davam para a Capela, o que lhe estava vedado pelos «capítulos» dos visitantes de 1711, 1714, 1715 e 1716, todos favoráveis à Irmandade. Não fazendo caso do mesmo, quiz o pároco ser senhor de tudo.

O povo, aborrecido, abandonou as obras e escreveram aos seus parentes, ausentes no Brasil, que logo declararam não mandariam nem mais um real. Em caixa havia apenas cem mil reis e poucas esperanças havia de virem mais esmolas. Então os Mesários requereram providências ao Reverendíssimo Arcebispo de Braga, que mandou a Fão o Procurador Geral da sua Mitra, João Esteves de Carvalho, que, depois de visitar o couro de Apúlia e ouvir por escrito o Pároco de Fonte-Boa, foi de paracer que «o zelo dos devotos era mais po-

deroso que o dos Reverendos Párocos da Igreja de Fão por quanto estes sempre foram recebedores das esmolas e nunca fizeram despesas, razão por que a Capela estava em tão miserável estado... e ao depois que correram as esmolas por via dos devotos iam as obras em aumento». Por sentença de 17 de Novembro de 1720 foi determinado se cumprissem os capítulos atrás referidos e que as esmolas, que se obtivessem, seriam para as obras da Capela do Bom Jesus, sendo retirada toda a jurisdição do Pároco sobre a mesma. Este ficou apenas com o direito de presidir aos actos do culto e reuniões da Mesa.

Voltou a reinar entusiasmo entre os devotos e a obra prosseguiu.

O pároco conformou-se e voltou a harmonia entre ele e a Irmandade.

Do requerimento feito ao prelado, contava que um devoto queria azulejar toda a capela-mor e igreja e desistiu, devido à atitude do pároco. Outro fangueiro, residente no Brasil, dera ordem para dourar a tribuna e retábulo do altar-mor, para o que mandara 460000 reis e que o avisassem do mais que

fosse necessário para esse fim, pois pagaria de seu bolso, mas o procurador, devido ao incidente, suspendera o contrato. Outro devoto mandara do Brasil a madeira para as portas, janelas, grades e púlpito e queria pagar toda a despesa dessa obra.

Na gerência de 1728/31 sendo Juiz o Reverendo Doutor Dom Pascoal Fernandes Monteiro, foi dourada a tribuna, altar e camarim, no que gastaram 420.000 réis, Este foi substituído pelo actual em 1890.

Em 1773 reformaram o douramento da tribuna, tendo custado 21.000 réis.

Voltaram a dourar o camarim na gerência de 1797/98, sendo Juiz o Padre José Nogueira Velho, abade de Gemeses.

Na gerência de 1831/33, sendo Juiz o Doutor Miguel da Cunha Velho, a tribuna estava em ruínas e substituíram-na pela actual, incluindo o retábulo do altar-mor, que foi construído em estilo moderno. Gastaram 349.765 reis, tendo sido pintado de branco. Só em 1841, quando Joaquim da Costa Leite, comerciante no Porto, entregou 50.000 reis, legado de António Jacinto Pimenta, falecido na Baía, Brasil, para auxiliar o douramento da tribuna e camarim e emprestou o necessário para completar o valor da obra, é que foi possível dourar a tribuna, altar-mor, camarim e arco cruzeiro.

O legado tinha como condição ser celebrada a primeira missa, após o douramento do altar, por alma do doador.

O empréstimo foi de 300.000 reis, com a condição de lhe pagarem no prazo de três anos, em três prestações anuais, sem juros. O que não fosse pago dentro desse prazo venceria juros. Quando a Irmandade devia 100.000 reis do capital e 44.994 reis dos juros, o senhor Costa Leite cedeu-os como esmola ao Senhor Bom Jesus.

O douramento teve lugar em 1841. O camarim foi mandado dourar novamente em 1945, pelo senhor Joaquim de Oliveira Teixeira.

Neste altar existiu em tempos uma imagem de Santa Rita, que deve ter sido retirada quando da sua reconstrução e foi guardada na Casa das Alfaias.

ALTAR DA SENHORA DAS ANGÚSTIAS. Em 1722 construíram um altar em honra de Nossa Senhora das Angústias, no lado norte, no qual colocaram a imagem, que se venerava na antiga ermida. Não fizeram retábulo.

Em 1750 foi desfeito, alteado e alargado. Fizeram três degraus de acesso, para o colocar ao abrigo das cheias.

O retábulo foi construído pelo entalhador Francisco Custódio de Araújo Leite, de S. Silvestre de Requião, sendo o contrato firmado a 13 de Janeiro de 1750, pela quantia de 275.000 reis.

A planta foi feita em Coimbra e importou em 7.250 reis.

O dinheiro para a construção deste altar foi mandado do Brasil por José Fonseca da Silva. Só foi dourado em 1772, custando 131.200 reis.

Foi benzido na gerência de 1751/52, sendo a Mesa, que o mandou executar, constituída por: Juiz P. e Manuel Pedrosa da Costa; Secretário-Padre Manuel Luis Pacheco, Tesoureiro Francisco Manuel Belo, Procurador Manuel Simões Cruz e Mordomos Francisco da Silva Payo, Custódio Francisco Caseiro e os Mestres das Lanchas.

Esta gerência encomendou em Braga uma nova imagem da Senhora das Angústias (a actual), que custou 32.540 reis, sendo colocada no altar na gerência seguinte e a pequena imagem anterior guardada na Casa das Alfaias.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 80 91 016 80 83 748 FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 759 72 06

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777

4700 BRAGA



AgrEvo

Uma companhia da Hoechst e Schering



Juntos com a Natureza na protecção das plantas

Proteger as culturas agrícolas é o nosso objectivo. Queremos também respeitar a Natureza e garantir a qualidade de vida dos Agricultores, numa perspectiva de Produção Integrada das Culturas. A descoberta de produtos inovadores que satisfaçam estas necessidades requer um vasto leque de conhecimentos. Só empresas sólidas e dispostas de meios humanos, técnicos e científicos altamente qualificados podem enfrentar com

confiança os desafios do Futuro. A **AgrEvo**, resultante da associação da Hoechst e Schering, duas empresas com fortes tradições e implantação, constitui um dos maiores grupos mundiais nesta área. Com a energia de uma empresa jovem e a experiência centenária dos seus fundadores, a **AgrEvo** assegura aos agricultores de todo o Mundo meios técnicos eficazes, que protegem as suas culturas sem destruir a Natureza.

Hoechst Schering AgrEvo—Produtos para a Agricultura, Lda.

Apartado 6 – 2726 Mem Martins Codex
Telefs.: (01) 921 21 60 / 921 77 23 – Fax: (01) 926 25 77

Filial Porto:

Av. Sidónio Pais, 379 – Apartado 1041 – 4101 Porto Codex
Telefs.: (02) 606 70 51 / 606 31 61 – Fax: (02) 609 05 70

Um amigo na agricultura. AgrEvo.

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO ESPINAFRE

(SPINACEA OLERACEA L.)

(Continuado do número anterior)

Estas terras são ainda as eleitas para os espinafres destinados à indústria.

O espinafre é uma planta extraordinariamente susceptível à acidez do solo, ou às condições que acompanham a acidez, tais como a toxicidade do alumínio. ZIMMERLLET (1926) observou os melhores resultados em terrenos com pH entre 6 e 7. PONCINI (1962) aponta mesmo 7,3-7,5 como ponto ótimo. O crescimento é muito retardado em solos de pH de 5,5. O espinafre é muito atreito à clorose. MCLEAN e GILBERT (1925) atribuíram a clorose à falta de magnésio, em terrenos alcalinos e ligeiramente ácidos, e conseguiram melhorar as condições com a aplicação de sulfato de magnésio na dose de 55 quilos por hectare.

Fertilização — Em solos férteis, ou medinamente ricos, o espinafre não necessita de grandes adubações, principalmente se a cultura se faz, como é de conselhar, em seguida a uma cultura estrumada. Isto não obsta, porém, à necessidade de adubações, que corrijam as deficiências que os terrenos possam apresentar, e que variarão, de local para local. LAUMONNIER (1952) apresenta como fórmula normal para o hectare, a seguinte:

Estrume bem curtido	15 toneladas
Nitrato de sódio	250 quilos
Escórias de desforração	500 quilos
Sulfato de potássio	200 quilos

Superfosfato 18%

500 quilos

A vantagem da estrumação na cultura anterior resulta da exigência do estrume bem curtido, uma vez que, sob a acção de estrumes frescos, as raízes do espinafre estão frequentemente sujeitas a podridões.

O adubo pode ser enterrado com a lavoura que precede a sementeira, ou, segundo ZIMMERLREY (1926), dois terços nessa altura, e outro terço na altura da primeira sacha. Em alguns casos, tem-se obtido excelentes resultados com a aplicação do adubo mineral, não a lanço mas em linhas, a pequena distância — 5 centímetros — da linha de sementeira. O adubo não deve contactar directamente com a semente.

Noutros casos, como aliás é vulgar em muitas culturas, aconselha-se a aplicação do adubo azotado, em cobertura, e por duas vezes, uma na altura do desbaste, outra na primeira sacha.

O espinafre é particularmente exigente em boro, que quando em deficiência, provoca atrofia e amarelecimento das plantas, e naturalmente, forte redução da produção da cultura. Uma aplicação de bórax à razão de dez quilos por hectare, espalhados antes da sementeira, elimina como regra o mal. A deficiência do boro, porém, deve ser confirmada por análise, e o tratamento cuidadosamente feito, pois os excessos de boro, tal como a falta, são contraproducentes.

Sementeira — O espinafre é semeado no local definitivo, em linhas, para que as sachas e as mondas se possam fazer convenientemente. A sementeira, deve fazer-se de preferência em tempo coberto e húmido. Em grande cultura, pode fazer-se com semeadores, em linhas à distância de 40 centímetros. São necessários aproximadamente 30 quilos de se-

mente para semear um hectare. Em pequena cultura, faz-se a sementeira em linhas afastadas de 20 a 25 centímetros. A germinação das sementes dá-se entre cinco e seis dias. Quando as plantas tenham quatro folhas, é conveniente proceder ao primeiro desbaste, que se repete para que as plantas dentro das linhas fiquem à distância de 8 centímetros.

Cuidados Culturais — Os cuidados culturais a ter com o espinafre não apresentam problemas especiais. Além dos desbastes já apontados, são necessárias sachas, pouco profundas, e algumas mondas. Quando necessário fazem-se regas, e enterra-se o nitrato durante uma das sachas.

Colheita — Os espinafres começam a colher-se cerca de um mês a mês e meio depois da sementeira, quando as plantas possuem seis a oito folhas e assim se continua até que se dê o aparecimento do ramo floral. No entanto, a produção é maior se as plantas forem apanhadas quando completamente desenvolvidas, embora, claro está, antes de começarem a espigar, isto é, ao atingirem a chamada «maturação comercial».

É conveniente não fazer a colheita depois duma chuvada, ou quando as plantas estejam muito orvalhadas, porque as folhas ficam quebradiças e partem-se facilmente.

Os rendimentos são da ordem das vinte a vinte e cinco toneladas por hectare.

Escolha e Embalagem — Uma boa regra para enviar os espinafres para os mercados, é a de retirar todas as folhas amarelas e doentes e todos os ramos espigados. Além disso, as folhas devem ser limpas da terra, o que se consegue lavando-as.

(Continua no próximo número)

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

DESASTRES

Na noite de 1 para 2 de Março, dois automóveis, procedentes do lado de Viana, bateram no autosafe da curva da ponte e de seguida foram cair ao rio. Os dois condutores, dois jovens espanhóis, pereceram afogados.

Igualmente na noite de 3 para 4, um camião pesado, também de matrícula espanhola, bateu no lado sul da entrada da ponte e por recochete foi cair ao rio. O condutor, de nome Florêncio Maria, também caiu nas águas, mas foi salvo por pescadores de lampreia que andavam perto.

Parece que em qualquer dos casos houve excesso de velocidade, desrespeito pelos 12 sinais de trânsito e uma certa confusão ou uma certa miragem óptica, pois os sinistrados não se aperceberam da curva da estrada. Devem ter pensado que a estrada seguia a direito.

A entrada da ponte está bastante danificada e perigosa. Antes que mais ninguém vá de novo cair ao rio, seria bom que a JAE mandasse arranjar o passeio e a parte da ponte que ficou desmantelada.

— Foi atropelado por um automóvel em Belinho o nosso prezado colaborador José Maria Machado do Vale que o deixou bastante mal tratado. O Zé Maria esteve dois dias em coma e permaneceu no Hospital de Barcelos mais de um mês. Felizmente já se encontra em convalescença mas ainda se segura a uma canadiana.

Lamentamos o infortúnio do Zé Maria e fazemos votos por um completo restabelecimento.



O BOM JESUS DE FÃO

(Continuado da pág. 7)

Teve de ser encarnada de novo em 1765.

Há alguns anos passados uma senhora da família Pires Gaifém colocou neste altar uma imagem de Santa Filomena e outra de Santa Inês. Mais tarde, tendo sido retiradas dos altares as imagens de Santa Filomena, a mesma família substituiu-a por uma de S. João de Brito.

Este altar deve ser o mais belo deste templo. Tem na parte superior vários anjos e apresenta bonita talha dourada.

CARLOS MARIZ

O NOME DAS RUAS

No seio da Junta formou-se uma Comissão com o encargo de dar nome a algumas ruas de Fão. Foram escolhidas as seguintes designações: Albino Torres, P.e Avelino Borda, Manuel Pinheiro Borda, Irmãos Vilachã, Autores Teatrais e P.e Manuel Borda.

É muito melindroso o acto de escolher nomes para ruas. As pessoas até dizem: se este mereceu o nome de uma rua, porque não distinguir também *este, aquele e aqueloutro?* E até podem ter razão. Revendo os fangueiros que já mereceram um perfil, entendemos que, pelo menos alguns vultos mereciam ficar na toponímia fangueira. Vejamos os seus nomes ou a nossa escolha: *António Leite Ribeiro*. Nasceu em 1785 e morreu em 1829. Foi escritor e professor do Real Colégio Militar. *Fr. Paulo de Fão*: um varão que morreu em 1686 e que deixou fama de santo. *Ernestino Sacramento*, grande actor que pôs de pé as célebres revistas. *Francisco Dias dos Santos Borda*, o primeiro construtor naval e quinto fundador do nosso hospital. *Francisco Pires Casanova*. Morreu em 1629. Foi o fundador da misericórdia. *Pedro Domingos de Cruz* — o maior benemérito do sec. XVIII.

Pensamos que em face do critério que levou a escolher alguns nomes para as ruas de Fão, pelo menos estas seis pessoas merecem igual destaque se não quisermos ser injustos.

ALINDAR FÃO

Estão cada vez mais bonitos certos locais de Fão. Atente-se no Largo do Cortinhal e repare-se na Alameda do Bom Jesus. Está limpa, adornada e bem conservada. É sem dúvida a melhor sala de visitas da terra de Fão. Os passeios exteriores estão a condizer. Houve o bom senso de os cobrir com pedra de granito e não com basalto branco. Para remate, a torre apareceu iluminada e até o relógio dá as horas certas.

Com muita paciência, com muito tacto e jeito, o juiz da confraria Adelino Saraiva vai conseguindo arranjos para o local como foi o caso da vedação para o coreto. Só assim as flores conseguem vingar mais algum tempo. Nesse aspecto a ajuda da autarquia tem sido louvável.

É pena que alguns donos de prédios não acompanhem esta onda de aformoseamento que se verifica em Fão. Algumas portas pertencentes a prédios localizados em sítios nobres deixam muito a desejar. Envergonham a terra e envergonham-nos a todos nós. Pensamos que a Junta devia exercer uma certa pressão junto dessas pessoas e convencê-las a efectuar os arranjos necessários. Devemos todos exigir qualidade para a terra de Fão até porque seremos nós, fangueiros os principais beneficiados desses melhoramentos.

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



DESCARREGADOR E ELEVADOR



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE FÃO

«ACTA DE SESSÃO ORDINÁRIA DE 26 DE OUTUBRO DE 1884»

Coordenado por JOSÉ MARIA MACHADO

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Cristo de mil oitocentos e quatro, aos vinte e seis dias do mês de Outubro do dito anno, n'esta freguesia de S. Paio de Fão, Concelho de Esposende, estando reunidos na salla das sessões da Junta de Parochia da mesma freguesia, os senhores António Gomes Paturro, presidente, António Pinto de Campos Piedade, José Fernandes Alves e Luiz Leite Mariz, vogaes da mesma Junta, bem assim o regedor d'esta freguesia, o dito presidente abriu a sessão e depois de lida e approvada a acta anterior declarou que cumprindo à junta fornecer casa para escola e habitação do professor nos termos do artigo 62.º §1.º e artigo 73.º da lei de 2 de Maio de 1878, e não a havendo na freguesia nas condições precisas para esse fim, propunha que se applicasse para a construção da casa escolar dos dois sexos o pruduto dos pinheiros sementados e conservados à custa desta freguesia com o antigo imposto que se denominará real d'areia, isto no caso que, em conformidade com o artigo 61.º §3.º da lei de 2 de Maio de 1878, o governo dê um subsídio para auxiliar as despesas da construção.

Entrou em discussão esta proposta, e tendo-se em vista também que alguns indivíduos pagaram o valor dos seus pinheiros por a Junta prometter que applicaria esse dinheiro para o fim de que se trata, foi unanimemente approvada, ficando seu effeito resolvido por esta Junta em 12 de Março de 1882, unicamente onde diz:

«Que estas trez quartas partes se fos-

sem convertendo em títulos da dívida publica averbados a esta Junta». E resolveu-se que desta acta se extraísse copia authentica e se remetesse à Ex.ma Junta Geral do Distrito ou à sua Comissa Executiva para se approvar e confirmar ahi esta resolução, a fim de produzir todos os effeitos legais. E eu José candido Ribeiro da Rocha, escrivão da Junta de Parochia, a escrevi; li e subscrevi e vae ser assignada por todos: — O Presidente, António Gomes Paturro; — O regedor, Francisco Fernandes Gaifem; — O vice-presidente, António Pinto de Campos Piedade; — O tesoureiro, José Fernandes Alves; — O vogal, Luiz Leite Mariz.

Está conforme e ao próprio livro me reposto

Fão, 27 de Outubro de 1884.

O escrivão da Junta:

José Candido Ribeiro da Rocha

(2) Accordam em Comissão Districtal que approvam e confirmam a presente deliberação da Junta.

Braga em sessão de 24 de Novembro de 1884.

*N. Basto

*Araújo Lima

Notas: (1) Interpretação original; (2) Aprovação do Accordamem Comissão Districtal de Braga, em sessão de 24 de Novembro de 1884. (3)Retranscrição interpretada originalmente por José M. Machado Vale.

Fão, 26 de Fevereiro de 1994.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
Florinda Almeida
José Maria Machado

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

ENTRE O RIO E O MAR, JUNTO AO ESTUÁRIO DO CÁVADO

Facilidades Especiais para:

BANQUETES

Casamentos
Baptizados
Aniversários

Reuniões de Empresas
Estágios Desportivos

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73
FAX 053 - 98 22 65



CARTAS AO DIRECTOR

Ex.mo Senhor Director de
«O NOVO FANGUEIRO»

Solicito-lhe aceite e publique no seu jornal e em resposta ao artigo intitulado «Boato ou Verdade», onde o meu nome é explicitamente referenciado, o seguinte esclarecimento/resposta:

A última Comissão de Festas integrou pessoas de Fão que simultaneamente exerciam e exercem cargos autárquicos e também associativos, nomeadamente nos Bombeiros locais.

Desenvolveram e concretizaram um projecto que foram as festas de Fão 93.

Como se sabe, o mandato da Comissão é anual, renovável ou não e com o Convénio da Confraria.

A probabilidade de a Comissão 94 ser composta exclusivamente por Senhora teve algum suporte na afirmação de alguns elementos femininos predispostos a avançar e a fazer ver.

Como sabe, as festas em devoção do Senhor Bom Jesus, são também as festas da vila, nunca a Junta de Freguesia enjeitou ou enjeitará o seu apoio a um acontecimento tão vivido pelos Fangueiros e comunidades vizinhas.

Só o mero acaso do exercício político e em simultâneo do cargo que exerci na Comissão 93, levou V. Ex. a tanta confusão e à propalação de um boato, que não o entendendo como propositado, parece vir a demonstrar uma atitude e análise repetidamente precisa e menos lúcida sobre a minha pessoa.

Como poderá recordar de alguma conversa que teve comigo, nunca lhe referencieei, nem o poderia fazer, que a Junta de Freguesia não apoiaria as Festas de Fão.

Essa teria de ser uma decisão do Executivo, que nunca se pronunciou sobre tal assunto.

A provável falta de apoio e colaboração à Comissão 94 que viesse a constituir-se e que eu lhe referi, seria dos elementos da Comissão Cessante em que eu me incluía, pelo simples facto de grande parte deles estarem

ligados aos Bombeiros, a braços com uma campanha de angariação de fundos para as obras do Quartel.

Diz no referido artigo que sou uma pessoa bem posicionada, ao que julgo pelo desempenho político.

Diz também que não gosta de mentir e não lhe reconheço de facto essa informação.

Além do mais, como diz também, mentir revela falta de inteligência, o que não lhe invejo.

Diz também que tudo o que afirma assenta em «bases reais». Aceito o princípio.

Pena é que em termos jornalísticos não caracterize por vezes essa intenção, generalizando o boato.

E se alguma dúvida lhe subsiste releia por exemplo o editorial do mesmo jornal e compare o seu teor e análise política com os resultados exactos dos processos eleitorais em questão.

Verá que também aí «as bases reais» falharam.

José Artur Saraiva Marinho

★

Antes de mais vamos tentar definir o que seja boato. Trata-se de uma notícia sem fundamento que se propala umas vezes com má intenção e outras sem intenção reservada. Ora nós, em tempos, dissemos neste jornal que a Junta se recusava a fazer as festas do Bom Jesus e que essa mesma Junta não daria qualquer apoio a qualquer grupo de senhoras que se abalanchasse a tal. Fonte de tal notícia: José Artur Saraiva Marinho que até nos disse porquê: «a Confraria recusara-se a aceder a um pedido da Junta para abrir na Alameda uma passagem que beneficiasse a Pousada da Juventude».

Seria, pois, boato? O Zé Artur afirma que sim. Ouçamo-lo: «Levou V. Ex. a tanta confusão e à propalação de um boato...»

Mas não foi boato. É o próprio Zé Artur quem o garante: «a provável falta de apoio e colaboração à Comissão 94 que eu lhe referi». Nós limitámo-nos a escrever aquilo que o signatário da carta nos tinha comunicado.

Há uma não verdade na carta que nos é enviada. É que o seu autor afirma que a falta do tal apoio se ficaria a dever ao «simples facto de grande parte deles (dos membros da Comissão) estarem ligados aos Bombeiros, a braços com uma campanha de angariação de fundos para as obras do Quartel». O que o Zé Artur realmente nos disse foi que «nós não daremos apoio porque a Confraria não acedeu ao pedido formulado pela Junta para abrir uma passagem através de um canteiro rumo à Pousada». Era apenas uma vingancazinha... E nós não estamos sós ao afirmar isto. Se for preciso, indicaremos o nome de outra pessoa com quem o Zé Artur também assim argumentou.

Mas há de facto uma confusão. É que atribuímos a iniciativa da falta de apoio à Junta de Freguesia e o Zé Artur diz que «a falta de apoio e colaboração seria dos elementos da Comissão cessante. De onde poderia ter

surgido a confusão? O Zé Artur utilizou a palavra nós e esse nós foi entendido como nós = Junta. A ilação tem uma certa lógica: o Tesoureiro da Junta de Freguesia estava deveras agastado com a Confraria pela tal recusa de abrir um caminho no canteiro e várias vezes citou nós como sendo a autarquia. Logicamente que ao dizer mais uma vez nós não daremos qualquer apoio, entendemos que se tratava da Junta. E depois há mesmo confusão. É que a Comissão integrava quer elementos da Junta, quer elementos dos Bombeiros e tão bem imbrincados uns nos outros que nós ainda hoje não sabemos se a Comissão eram os Bombeiros, se era a Junta, se era outra coisa qualquer. O Zé Artur várias vezes nos disse: «Não há Comissão propriamente dita».

De resto é dispiciendo afirmar se o não apoio partiu da Junta ou de outra entidade qualquer: tratava-se de «um acontecimento tão vivido pelos fangueiros e comunidades vizinhas» que nenhum fangueiro devia «enjeitar o seu apoio».

Só que o Zé Artur, como Tesoureiro da Junta, afirma *urbi et orbi* que «esta nunca enjeitou ou enjeitará o seu apoio». Mas como elemento da Comissão estava decidido a enjeitar, apesar de serem as Festas em devoção ao Senhor Bom Jesus que são também «as festas da vila».

Felizmente que o nosso escrito ajudou a perceber que se ia cometer um erro grave e as Festas, estamos certo disso, vão ser as maiores de sempre.

★

N.B. — A respeito da análise política que fizemos a propósito das últimas eleições para as autárquicas, cometemos só um erro: dissemos que o Luís Viana nas anteriores eleições teria tido 300 votos. Alguém nos falsou a verdade. As ilações seguintes logicamente que saíram inquinadas.

A NATUREZA EM TRANSIÇÃO

*Estamos a meio Inverno!...
Veto bem carregadinho...
Quase que parece eterno!...
Foi só com dois ou três sopros
Que ele, a Natureza despiu,
Que, de frio a tiritar,
Acaba então por chorar.
Mas depois, e de mansinho,
Põe-lhe uma colcha de arminho
Que lhe fica muito bem;
Cobre-a, por vezes, também
Com grossas mantas de linho,
Mas que a deixam inactiva...
E a vida assim encolhida
Parece já não ser vida.
Porém, numa expectativa,
Impaciente e emotiva,
Ela aguarda, espera... espera
Ser novamente beijada,
Para que seja acordada
E de novo bem vestida,
Pela alegre e verdejante,
Perfumada e tão florida...
E sempre, sempre cantante,
A ditosa Primavera.*

FLORINDA ALMEIDA

JORNALISTA SOFRE

Entre as onze e a meia noite de um dia destes (da semana em que saiu «O Novo Fangueiro» alguém partiu com um pedregulho um dos vidros da nossa residência, em Fão. Ao ouvir o estrondo, a nossa vizinha da frente correu à sacada mas já só ouviu passos de pessoa que fugiu a correr.

A «boa» nova foi-nos comunicada para o Porto e nós fomos logo dar uma vista de olhos pelo último jornal a ver se recolhíamos indícios que nos sugerissem uma pista. Não lobrigamos, porém, que alguém fosse maltratado como aliás é nossa preocupação e assim ficamos a zero. Ressalvamos, que dizer verdades não significa desconsiderar seja quem for.

Entretanto disseram-nos que entre a juventude local se está a generalizar um movimento que visa a destruição de tudo que aparece à vista. Será isso?

Lá se foram esc. 3.700\$00. Meses atrás alguém roubou do nosso carro um distintivo. Lá se iam mais dez contos, só que desta vez o destruidor deparou com um pai sério que nos veio trazer a peça desviada.

Ser jornal em terra pequena tem os seus riscos ou despesas que infelizmente não são contemplados pelo IRS.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO